



**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**



**UM ESTUDO SOBRE A PERCEÇÃO DOS SENTIMENTOS
CONTRATRANSFERENCIAIS NA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA CLÍNICA EM PSICOLOGIA**

TATIANA DE GUSMÃO FEIJÓ

**SÃO PAULO
2019**



**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**



**UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO DOS SENTIMENTOS CONTRATRANSFERENCIAIS
NA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA CLÍNICA EM PSICOLOGIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Presbiteriana Mackenzie como parte
das exigências para a obtenção do título de
Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa Dra. Berenice Carpigiani

SÃO PAULO
2019

Aos pais e aos meus
avós Luís e Joanita,
raízes do meu ser.

AGRADECIMENTOS

Não poderia concluir esse ciclo sem agradecer a todos que foram indispensáveis para realização destes seis anos de graduação.

A minha orientadora e supervisora, Professora Berenice Carpigiani, meus agradecimentos mais sinceros por compartilhar seu conhecimento de forma tão generosa. Por me ajudar a elaborar os meus afetos ao longo dos atendimentos.

Aos meus pais, por tudo. À minha mãe, Regina, por me criar cheia de sonhos, por despertar em mim o desejo de ganhar o mundo e por não podar minhas asas. Pelo colo e pelos braços abertos para sempre me deixar partir. São Paulo não seria possível sem ela. Ao meu pai, Lázaro, por ter permitido que a decisão de mudar para São Paulo fosse uma escolha minha. São Paulo não seria possível sem ele.

Aos meus avós maternos, pelo colo e afeto, por me ensinarem sobre a sabedoria da vida. Por celebrarem minhas idas à Maceió com carinho e amor.

Ao meu namorado, Denilson, por estar ao meu lado desde o primeiro semestre da faculdade, sendo meu porto seguro no meio do caos que é São Paulo.

Aos meus tios e meus primos-irmãos, por cuidarem de mim com amor e carinho como se fossem meus pais e meus irmãos. Aos meus sobrinhos, Sarah, Lara, Luís, Elias, Davi e Clara. Por me ensinarem o significado de amar incondicionalmente, pelos abraços apertados. Por fazerem minhas idas à Maceió cheias de afeto.

À toda minha afetuosa família, minhas raízes, por compreenderem as minhas ausências e por sempre me receberem de volta tão calorosamente. À minha Tia Solange e à minha família de São Paulo, por desde o primeiro momento terem feito com que eu me sentisse em casa.

À Livia Nagamine e Ana Clara Marques, por desde o ensino médio terem sonhado e planejado São Paulo junto comigo. São Paulo não teria sido possível sem elas.

À Regina Nagamine, minha tia do coração, por ter me apresentado a psicanálise. Por desde a adolescência incentivar e apoiar meus sonhos.

À Aminie le Campion, pela potência do nosso encontro e pelo prazer de compartilhar a vida.

À Maria Lúcia, minha amiga de infância, por caminhar sempre comigo.

A todos os meus queridos amigos de Maceió, São Paulo e Lyon pelos encontros, afetos e abraços.

À Tainan Costa Canário, meu professor amigo, pela presença constante em todo o meu ensino médio, por ter regado minhas asas, me fazendo acreditar que esse sonho era possível. Pelas indicações de leituras, pelos livros emprestados, por tanto contribuir para minha formação como pessoa.

À Micheline Falcão, meu primeiro contato com a psicologia, por ter me ajudado a sustentar o desejo de fazer psicologia em São Paulo.

Ao meu analista, pela escuta sensível, por acolher minhas inúmeras angústias no fim desse ciclo e por me ajudar também a dar sentido a minha contratransferência.

Aos professores do Curso de Psicologia do Mackenzie, que participaram, diretamente ou indiretamente, na minha formação, principalmente aos professores do Laboratório de Psicanálise, Saúde e Cultura.

À professora Ângela Biazzini, cuja as supervisões, as aulas de psicanálise e o seu olhar crítico do mundo contribuíram tanto na minha formação como psicóloga.

À Jaqueline Parisoto e Rafael Alberto, pelas supervisões, pelos atendimentos em conjunto, pela confiança, pela disponibilidade em contribuir para a minha formação, sobretudo pelos afetos compartilhados.

Aos funcionários da Clínica de Psicologia do Mackenzie, pelo carinho e pela disponibilidade em ajudar.

Por fim, agradeço a Clementine e a Dora por não deixarem que esses últimos momentos fossem momentos solitários.

RESUMO

Apoiada no conceito freudiano de contratransferência e nas contribuições de Heimann e de Racker sobre a utilização dos sentimentos contratransferenciais como instrumento trabalho, a presente pesquisa teve como intenção investigar, descrever e compreender como a contratransferência é conceituada, percebida e elaborada pelos estagiários-alunos na modalidade de atendimento em psicoterapia breve de orientação psicanalítica do Curso de Psicologia de uma universidade da cidade de São Paulo, além disso, buscou entender se os estagiários ao se darem conta dos sentimentos contratransferenciais o percebem como ferramenta do fazer clínico na prática realizada no Serviços-Escola vinculado ao curso. Porém, vale salientar que o estudo não buscou compreender a dimensão inconsciente da contratransferência e sim se os sentimentos contratransferenciais do estagiário foram utilizados como instrumento de trabalho. Como metodologia, utilizou-se a pesquisa de campo qualitativa, entrevistando oito estagiários do décimo semestre que estivessem fazendo estágio em psicoterapia breve de orientação psicanalítica. Os dados obtidos foram organizados em quatro categorias: conceito de contratransferência, percepção e elaboração da contratransferência, como os estagiários perceberam a contratransferência acontecendo e qual o manejo da contratransferência. Os resultados revelaram que os estagiários entrevistados demonstraram confusão e dificuldade em definir teoricamente o conceito de contratransferência. Quanto a percepção do material contratransferencial, três estagiários demonstraram perceber os sentimentos contratransferenciais, quatro se equivocaram nesta percepção e um disse não perceber o processo de contratransferência acontecendo. Foi possível levantar que a compreensão do processo contratransferencial, associa-se ao momento da supervisão. Segundo os dados levantados, nos casos em que na supervisão não se discutiu a ação contratransferencial no atendimento relatado pelo estagiário, seja por problemas de relacionamento com o supervisor, pela identificação com a história de vida do paciente ou por falta de tempo em supervisão, surgiu o papel da psicoterapia pessoal como elemento para os insights a respeito da ação da transferência e a contratransferência na sessão. Por fim, foi possível observar que os estagiários que participaram da pesquisa não se mostraram capacitados a identificar os elementos transferenciais e “sentirem em si” sua expressão em seu próprio mundo psíquico a ponto de transformá-lo em ferramenta de trabalho, conforme supõe a teoria psicanalítica.

Palavras-chaves: Contratransferência; Serviço-Escola; Estagiários.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	8
2. A CONTRATRANSFERÊNCIA	13
3. OBJETIVOS	19
4. METODOLOGIA.....	20
5. DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	23
6. CONCLUSÃO.....	38
8. REFERÊNCIAS	42
9. ANEXOS.....	45

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve como área de interesse a psicanálise ensinada nas universidades, porém, antes de introduzir o objeto de estudo dessa pesquisa, algumas considerações precisam ser feitas. Esse estudo teve como base as ideias de Freud (1919 [1918]) no texto sobre o ensino da psicanálise nas universidades, onde ele analisa o ensino da psicanálise a partir de dois pontos de vista, o da psicanálise e o da universidade. Em relação à psicanálise, entende-se que um estudante de psicologia em uma universidade “jamais aprenderia a psicanálise propriamente dita [...] ele aprende sobre a psicanálise” (Freud, 1919 [1918] p.187). Já em relação à universidade, entende-se que a graduação em psicologia não forma psicanalistas, e que a psicanálise apresentada ao longo do curso por meio de aulas teóricas tem caráter introdutório, educacional e pedagógico. Em relação à terminologia, considerou-se como estagiário - terapeuta, um estudante que escolheu seu estágio na clínica em orientação psicanalítica, que pode ou não estar familiarizado com a psicanálise além dos conteúdos aprendidos durante a graduação, assim como também pode ou não fazer análise ou psicoterapia pessoal. Portanto, esse estudo não considerou o estagiário-terapeuta como psicanalista, e sim estagiário na clínica escola. Sabe-se que a psicanálise ensinada nos cursos de psicologia é apenas uma das diversas abordagens clínicas que o aluno tem contato no decorrer do curso.

O momento da passagem da sala de aula para o estágio supervisionado em Psicoterapia Breve marca a passagem do saber para o não saber, da psicologia como ciência para a psicologia como prática profissional. Faz-se necessário apresentar a identidade profissional do psicólogo clínico como sendo, a partir das ideias de Figueiredo (1996), um psicólogo que sustenta a sua prática na ética da “escuta que o nosso tempo necessita para ouvir a si mesmo naquilo que lhe faltam as palavras” (FIGUEIREDO, 1996, p. 40) ou seja, o presente trabalho considera o psicólogo clínico como um profissional que está implicado na escuta daquilo que não está sendo dito em palavras pelo paciente. Em outra obra do mesmo autor, intitulada *Escutas em análise: escuta poética*, Figueiredo (2014) também caracteriza a escuta clínica como sendo a escuta do sofrimento. O psicólogo clínico de orientação psicanalítica, seria então aquele que se interessa pelo sofrimento que não está sendo dito em palavras, dessa forma, ele se interessa pela dimensão inconsciente do sofrimento.

Na condição de estagiário em um Serviço-Escola, o aluno ultrapassa a sala de aula para o exercício de técnicas utilizados na prática de atendimentos clínicos. Todavia, essa inserção do aluno no Serviço-Escola não é simples. “A transformação de um estudante em um profissional raramente é suave e fácil. Aprender a atuar como um psicoterapeuta obriga o estudante a se defrontar com questões complexas e confusas.” (ZARO, BARACH, NEDELMAN, DREIBLATT, 1997, p.3). Tais questões envolvem tanto a pessoa do estagiário em relação às suas próprias inseguranças, quanto em relação ao atendimento, ao paciente e ao supervisor. “A tarefa não é fácil para o aluno que, pela primeira vez, se defronta com o papel de psicólogo, no qual é responsável pelo cliente, diante dos colegas, do supervisor e também da instituição.” (ARGUIRRE, 2000, p. 5).

Ainda segundo as ideias de Aguirre (2000), essa inserção do aluno na prática de um psicólogo clínico é dotada de sentimentos, de medo e de ansiedades consideradas normais para o momento. A autora afirma que é preciso manejar e acolher as próprias ansiedades e angústias para que o estagiário-terapeuta possa abrir espaço em si para poder escutar o sofrimento do outro.

Nos primeiros quatro anos de formação no psicologia o aluno tem contato com os processos diagnósticos, conhecimentos teóricos e técnicos de diversas teorias, no entanto, no momento do encontro com o paciente é preciso suspender todos os saberes aprendidos na sala de aula para estar com ele, escutar sua dor e também senti-la em si mesmo. “É preciso compreender o sofrimento e, para compreendê-lo, é preciso experimentá-lo, quer dizer, senti-lo em si e isso, sem se deixar afetar. É a única forma de o terapeuta conhecê-lo verdadeiramente e tratá-lo de maneira eficaz.” (NASIO, 2003, p 15). Dessa forma, o estágio em psicoterapia breve associado a supervisão, promove no estagiário o início do desenvolvimento de uma escuta e do pensamento clínico.

Segundo Minerbo,

Os pacientes nos procuram em busca de alívio para o sofrimento psíquico. [...] O analista escuta o que diz o paciente e, ao mesmo tempo, registra corporalmente, na contratransferência os elementos não verbais que o afetam e que correspondem a dimensão agida na transferência. [...] o analisando vem para que o analista possa escutar, sentir, perceber aquilo que ele não conseguiu escutar, sentir e perceber de si mesmo e de sua história. (MINERBO, 2016, p. 118-119)

Pensando no psicoterapeuta como estagiário dentro de um Serviço-Escola, é possível pensar que o seu papel seja então escutar, sentir e perceber em si as vivências do paciente, e a partir desses elementos ajudá-lo a construir um sentido para as suas experiências. Partindo de uma perspectiva da psicologia clínica de orientação psicanalítica, perceber em si os efeitos que surgem a partir do encontro com o paciente é fundamental e pode ser usado como uma das ferramentas do trabalho clínico. Tal efeito é chamado de contratransferência. “Todo psicoterapeuta tem diante de si o desafio de lidar com a contratransferência. Para os estudantes que estão se iniciando no trabalho psicoterápico, esta tarefa torna-se ainda mais desafiadora” (Valente, Santos e Galvani, 2006, p. 324).

Segundo Heimann,

Muitos dos candidatos a analistas sentem temor e culpa quando se conscientizam dos sentimentos que nutrem em relação a seus pacientes [...] Se um analista tenta trabalhar sem consultar seus sentimentos, suas interpretações são pobres. Tenho observado isso com frequência no trabalho de iniciantes, que por medo, ignoram ou mostram-se inflexíveis para com seus sentimentos (HEIMANN, 1949 p. 15).

A partir dessas ideias, considerando que o primeiro atendimento clínico também é atravessado por todas as angústias descritas acima e que é um desafio para o estagiário lidar com a contratransferência, levanta-se como hipótese que os estagiários trabalham sem consultar os seus sentimentos em relação ao paciente, isto é, sem consultar e perceber a contratransferência, e isso pode impactar diretamente a qualidade do atendimento. Outra hipótese que pode ser levantada é que nesse momento os estagiários estejam ligados às suas próprias angústias inerentes ao primeiro atendimento clínico.

Essa pesquisa teve a intenção de investigar se os estagiários tinham clareza do conceito de contratransferência, se eles perceberam a contratransferência acontecendo, como eles perceberam e o que fizeram dentro do processo terapêutico a partir dessa percepção. O termo perceber não foi escolhido ao acaso, segundo o dicionário Aurélio (2002), perceber significa adquirir, por meio dos sentidos, conhecimento de; compreender. Coelho (2008) defende a ideia de que a experiência perceptiva é o elemento fundamental na compreensão do campo transferencial/contratransferencial. Para ele, a experiência perceptiva é simultaneamente ser tocado

pelo que nos circunda e construir esse mesmo entorno. Por isso, saber se os estagiários percebem tais sentimentos pode contribuir para refletir sobre o uso da contratransferência nos Serviços-Escola. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo qualitativa, através de entrevistas com estagiários que estavam inscritos no estágio em psicoterapia breve de orientação psicanalítica.

Entende-se também que esse estudo é uma investigação teórico-clínica em psicanálise e tem como objetivo uma “análise clínica da percepção inconsciente na relação transferencial-contratransferencial” (COELHO JUNIOR, 1999). Na contratransferência existem elementos inconscientes que escapam a percepção consciente do estagiário, sendo esse dado uma possível limitação da presente pesquisa. Porém, vale salientar que este estudo não buscou compreender a dimensão inconscientemente da contratransferência e sim se a percepção inconsciente do estagiário foi elaborada e utilizada como instrumento de compreensão do paciente.

Pouco se fala sobre o que o terapeuta sente, principalmente sobre o estagiário-psicoterapeuta. Não foram encontrados estudos sobre a contratransferência dentro de serviços-escolas que integram cursos de psicologia. Os atendimentos realizados nesses serviços são feitos majoritariamente por alunos e com supervisão de um professor-psicólogo. Por isso, investigar como o estagiário percebe os sentimentos contratransferenciais permite uma melhor compreensão do processo psicoterapêutico, na perspectiva teórica da psicanálise o que pode gerar uma atuação com maior qualidade e uma maior elaboração da contratransferência como uma ferramenta do fazer clínico, podendo trazer ganhos para a prática clínica dentro desses Serviços.

O interesse pela investigação também surgiu a partir do primeiro atendimento clínico em psicodiagnóstico da pesquisadora, nesse momento os sentimentos contratransferenciais lhe eram desconhecidos, assim como também a sua importância como ferramenta clínica. Reconhecer em si a contratransferência pode gerar a possibilidade de uma compreensão do inconsciente do paciente, assim como também pode ajudar a diferenciar quais são as angústias próprias da pessoa do estagiário decorrentes do primeiro atendimento clínico e quais sentimentos são próprios do processo psicoterapêutico.

Dessa forma, a presente pesquisa tem como proposta investigar como é esse processo de correlação teórico-prática para o estudante em formação. O fato de não terem sido encontrados estudos investigativos sobre a contratransferência do estagiário-terapeuta, aliado importância da percepção e do manejo dos sentimentos contratransferencias nos atendimentos clínicos tornam esse estudo de grande relevância clínica para a atuação do psicólogo em formação.

Estudar os conceitos psicanalíticos de contratransferência em um Serviço-Escola é de fundamental importância para a discussão e reflexão acerca das práticas clínicas psicanalíticas de estágios curriculares no âmbito da graduação do curso de psicologia e também para compreender a qualidade de atendimento prestados aos usuários de Serviços-Escola.

2. A CONTRATRANSFERÊNCIA

Antes de apresentar os dados obtidos, é necessário que se situe a conceituação teórica do tema da contratransferência. Pretende-se aqui fazer uma breve revisão bibliográfica, somente por meio dessa revisão pode-se circunscrever qual norteador psicanalítico será usado para a analisar os dados colhidos. Além disso pretende-se aqui responder as seguintes perguntas: O que é a contratransferência? Quais são as suas características? Quais os possíveis usos da contratransferência dentro do processo analítico? Qual o papel da supervisão na percepção e na elaboração da contratransferência?

O tema da contratransferência é amplo e ainda é bastante controverso. Tal conceito e o seu manejo dentro da clínica psicanalítica apresentam divergências e um importante percurso histórico. Ainda hoje não existe um consenso entre a clínica francesa e inglesa sobre a utilização dos sentimentos contratransferenciais dentro do processo analítico. Porém, por se tratar de uma pesquisa de campo qualitativa, não foi realizado um aprofundamento do estudo teórico do conceito psicanalítico para ambas as escolas. Vale salientar que essa pesquisa utilizará a noção de contratransferência para a escola inglesa, fazendo um pequeno recorte das ideias de Freud, Paula Heimann, Heirich Racker e outros psicanalistas contemporâneos.

A contratransferência é definida pelo dicionário psicanalítico como “o conjunto das reações inconscientes do analista a pessoa do analisando, mais particularmente, a transferência deste” (LAPLANCHE E PONTALIS, 1992, p. 102) e foi vista durante muitos anos como um perigo para o trabalho analítico.

O termo contratransferência surge na psicanálise a partir das ideias de Freud em 1910, quando ele escreveu sobre o conceito no texto intitulado “As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica”. Nesse texto, Freud (1910) discorre sobre os avanços no conhecimento sobre a técnica psicanalítica e menciona pela primeira vez o conceito de contratransferência.

“As outras inovações da técnica relacionam-se com o próprio médico. Tornamo-nos cientes da contratransferência, que, nele, surge como resultado da influência do paciente sobre os seus sentimentos inconscientes e estamos quase inclinados a insistir que ele reconhecerá a

contratransferência, em si mesmo, e sobrepujará. Agora que um considerável número de pessoas está praticando a psicanálise e, reciprocamente trocando observações, notamos que nenhum psicanalista avança além do quanto permitem seus próprios complexos e resistências internas; e, em consequência, requeremos que ele deva iniciar a sua atividade por uma auto-análise e levá-la, de modo contínuo, cada vez mais profundamente enquanto esteja realizando suas observações sobre seus pacientes” (FREUD, 1910 [1918], p.130)

“É assim que nasce a contratransferência. Desde então, impõe-se ao analista duas tarefas: reconhece-la e dominá-la” (MINERBO, 2012, p.45). Nesse momento, para Freud, a contratransferência surge como resposta do analista a influência inconsciente do paciente sobre os sentimentos inconscientes do analista. “Ela incide sobre os pontos cegos do analista e pode se tornar um obstáculo à análise. Por isso, em 1912, recomendou-se que os futuros analistas fizesse análise pessoal. (MINERBO, 2012, p. 44)

Minerbo (2012), aponta para um importante paradoxo dos escritos freudianos. Freud sinaliza que o analista precisa confiar no inconsciente e usá-lo como o instrumento para captar o inconsciente do paciente, por meio da atenção flutuante. Ao mesmo tempo que ele diz que as reações inconscientes precisam ser reconhecidas e dominadas. A autora ainda afirma, que para Freud o problema não seria a contratransferência em si, mas a possibilidade de não reconhecê-la. “Percebe-se, assim, a complexidade que ainda hoje envolve a questão da contratransferência.” (MINERBO, 2012, p.46)

Após Freud, outros psicanalistas fizeram importantes contribuições para o conceito de contratransferência, como Ferenczi, Melanie Klein, desenvolvendo os conceitos de identificação projetiva e de projeção, realizando grandes contribuições para compreensão do fenômeno contratransferencial. Porém, contratransferência ainda era vista como uma fonte de problemas no campo psicanalítico até as ideias de Paula Heimann (1949), publicadas no artigo intitulado sobre a contratransferência.

Nesse texto, Heimann (1949) afirma que se surpreendeu pela crença amplamente difundida entre os candidatos à analista ao perceber que a contratransferência seria uma fonte de problemas e que muitos sentiam temor e culpa ao se conscientizar dos sentimentos que nutrem em relação aos

pacientes. A autora busca compreender a origem dos sentimentos por parte dos candidatos a analista e sugere que existe uma má interpretação dos textos freudianos.

A autora defende em seu texto que a resposta emocional do analista à situação analítica representa uma importante ferramenta de trabalho. Dessa forma, para a autora, a contratransferência do analista é instrumento de trabalho de pesquisa do inconsciente do paciente. Heimman (1949) ainda afirma que as emoções do analista estão mais próximas da essência do sentimento do paciente, ou seja, a percepção inconsciente do analista está à frente da sua percepção consciente.

As ideias de Racker (1982) também são fundamentais para o desenvolvimento do conceito de contratransferência como instrumento de trabalho. Ele amplia a ideia de Heimann da contratransferência como instrumento de compreensão do que se sucede no paciente e defende que a percepção das reações contratransferências podem ajudar a compreender o que deve ser interpretado e qual o momento indicado. Além disso, segundo Minerbo (2012), Racker mostra que o analista é uma parte ativa na constituição do campo transferencial-contratransferencial, formando assim uma unidade indissolúvel.

Para finalizar, Minerbo (2012) afirma que a contratransferência pode ser compreendida em dois níveis. O nível consciente da contratransferência corresponde aquilo que o analista vive e reconhece que vive, enquanto está identificado a um objeto interno do paciente, são os efeitos conscientes da contratransferência como por exemplo: sono, medo, pena, raiva e entre outros. E o nível inconsciente da contratransferência, que é a posição identificatória que o analista ocupa sem saber, como resposta à convocação transferencial. Vale ressaltar aqui que este estudo trabalha com o nível consciente da contratransferência, buscando compreender se o estagiário reconhece como contratransferência aquilo que vive e que pode reconhecer que vive.

Responder a pergunta sobre o papel da supervisão na percepção da contratransferência tem por objetivo entender qual o papel da supervisor na percepção e na elaboração da contratransferência dentro de uma clínica de orientação psicanalítica em um Serviço-Escola. Revisando a bibliografia observou-se que existem poucos estudos que falam sobre a abordagem da contratransferência em supervisão, principalmente sobre o papel da supervisão na elaboração da contratransferência em estagiários.

Laplanche e Pontalis (1983, p.497) conceituam a supervisão como sendo uma “psicanálise conduzida por um analista em formação e da qual presta contas, periodicamente, a um analista

experimentado, que o guia na compreensão e direção do tratamento e o ajuda a tomar consciência de sua contratransferência”.

O método da supervisão se constitui como um dos modelos mais antigos de ensinar e aprender uma técnica ou uma profissão e, desde muito cedo foi incorporado ao ensino da psicanálise e posteriormente sendo incorporado ao ensino da psicoterapia psicanalítica (Saraiva e Nunes, 2007). Assim, a supervisão é reconhecida por alguns autores como um dos três pilares básicos de toda formação de um psicoterapeuta psicanalítico, sendo considerada um dos elementos essenciais da transmissão psicanálise. Os outros dois pilares são o aprendizado teórico e o processo psicoterapêutico. (Saraiva e Nunes, 2007; Zaslavsky, 2003).

A supervisão psicanalítica configura-se como um espaço de ensino e aprendizagem que pode despertar sentimentos tanto no supervisor quanto no supervisionando (Zaslavsky 2003; Saraiva e Nunes, 2007). Porém, conforme as ideias de Szecsödy (1990 apud Zaslavsky 2003), a aprendizagem em supervisão é um processo complexo e que está intimamente ligado à qualidade da aliança entre supervisor e supervisionando, e o que vai ser ensinado pelo supervisor depende de sua própria experiência clínica, sua sensibilidade, intuição e padrões defensivos.

Se faz necessário sintetizar as múltiplas funções do supervisor para que seja possível compreender o seu papel na elaboração da contratransferência. Tais funções seriam: gerir o processo de supervisão, atuar como modelo de identificação; ensinar processos técnicos, transmitir conhecimentos teóricos; representar a instituição a qual pertence; incentivar a aliança e aprendizagem para apoiar o desejo e a ambição de aprender do supervisionando, manter um setting de trabalho, compreender o supervisionando e fazer-se compreensível para ele; identificar o conflito principal do material e formular hipóteses compreensíveis; auxiliar o supervisionando a reconhecer a resistência e a transferência na interação com o paciente bem como reconhecer suas manifestações contratransferenciais; e reconhecer suas próprias reações contratransferenciais em relação ao próprio supervisionando (Vollmer e Bernardi, 1996, apud Zaslavsky 2003; Szecsödy apud Zaslavsky 2003). Dessa forma, auxiliar o supervisionando a compreender as manifestações contratransferenciais é uma das diversas funções realizadas do supervisor. A supervisão tem papel fundamental no aprimoramento da técnica psicanalítica, além de se caracterizar como um momento de aprendizagem a supervisão se caracteriza como um momento de elaboração desses sentimentos contratransferenciais.

Segundo Zaslavsky (2006), existem duas possibilidades para a abordagem da contratransferência em supervisão: a primeira possibilidade é quando a contratransferência é trazida espontaneamente pelo supervisionando. Os autores sinalizam que este movimento pode revelar uma confiança no trabalho de supervisão e que a discussão em supervisão dos aspectos contratransferenciais do supervisionando ocorre frequentemente quando o clima da supervisão é predominante de franqueza e baseado em uma aliança de trabalho. Sendo papel do supervisor, neste caso, mostrar que aspectos estão sendo projetados dentro do terapeuta, relacionando-os com a compreensão do caso. Uma outra possibilidade é quando a contratransferência é percebida somente pelo supervisor, o que torna a abordagem dos sentimentos contratransferenciais mais complexa. Nestes casos, os supervisores podem sugerir que o supervisionando fique mais atendo aos seus aspectos emocionais. Além disso, o autor faz sugestões que a abordagem da contratransferência em supervisão seja feita de forma delicada e cuidadosa e que sempre que possível o supervisor possa fornecer exemplos pessoais onde também tenham surgido sentimentos contratransferenciais, associado a indicação de alguma referência bibliográfica.

A supervisão de um estágio universitário se caracteriza por ser uma exigência curricular que responder uma demanda institucional e obedece um conjunto de regras, obrigações e compromissos institucionais. Sendo assim, a supervisão tem um caráter majoritariamente pedagógico, com características de controle e vigilância (Marcos, 2007). Normalmente o estagiário apresenta por meio de um relatório o material de atendimento para o supervisor incluindo as intervenções realizadas por ele e os dados trazidos pelo paciente durante a sessão. A supervisão clínica dos estágios em psicoterapia de orientação psicanalítica tem como objetivo auxiliar o estagiário-psicoterapeuta a adquirir uma identidade profissional de psicólogo clínico, essa identidade é construída a partir da aprendizagem da técnica psicanalítica.

A supervisão associada à prática clínica possibilita que o estagiário aprenda o que nos primeiros quatro anos de curso foram somente teoria. Nesse momento o estagiário, com o auxílio do supervisor, decodifica os seus sentimentos contratransferenciais, podendo perceber e dar sentido a muitas das reações despertadas pelo contato com o paciente. Dessa forma, o papel do supervisor de estágio seria o de relacionar os sentimentos contratransferenciais do estagiário com o mundo interno do paciente. Somente por meio desse trabalho reflexivo o estagiário irá aprender que muitas dessas reações despertadas tinham origem no mundo psíquico do paciente. (Valente, Santos e Galvani 2003).

Neto et al (2006), afirmam que ensinar sobre a contratransferência é sobretudo estimular o estagiário a pensar e promover raciocínio crítico sobre aquilo que se sente em relação ao paciente. Para os autores, além da aquisição dos conteúdos teóricos, a habilidade para se aprender a utilizar e compreender a contratransferência depende da consistência e da continuidade dos exemplos que a comunidade da instituição formadora oferece para este aluno.

Para Minerbo (2012), a associação livre do supervisionando é tão importante quanto a do paciente, pois também indica a emergência de elementos inconscientes da contratransferência para além dos aspectos conscientes. Ainda conforme as ideias da autora, a presença da supervisão como um elemento menos contaminado pelas emoções vivenciadas pela dupla terapeuta/paciente é fundamental.

3. OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Estudar a dimensão consciente do fenômeno contratransferencial sob perspectiva dos afetos e sentimentos do estagiário de psicologia na sua primeira experiência como psicoterapeuta, buscando entender se ele percebe e nomeia os sentimentos que surgem a partir do encontro com o seu paciente.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- 1) Avaliar se os estagiários o conceituam corretamente o conceito de “contratransferência”.
- 2) Identificar em qual momento e como os estagiários perceberam e nomearam seus sentimentos pelo paciente como fruto da contratransferência.
- 3) Investigar qual uso o estagiário faz da contratransferência dentro do processo terapêutico.
- 4) Verificar o papel da supervisão na descoberta desse processo.
- 5) Identificar se a análise ou psicoterapia pessoal apareceram no relato dos estagiários.

4. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste estudo foi a pesquisa de campo qualitativa. “A pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (pesquisa ex-post-facto, pesquisa-ação, pesquisa participante, etc.)” (FONSECA, 2002 APUD SILVEIRA E CÓRDOVA, 2009 P. 37).

Para a realização da pesquisa bibliográfica, foram seguidas as *orientações* de Salvador (1986), conforme citado por LIMA e MIOTO (2007, p.41). A primeira fase dessa pesquisa teve um caráter exploratório; foi realizado um levantamento bibliográfico de texto de autores psicanalíticos clássicos, assim como teses, dissertações, artigos e livros de autores contemporâneos que abordavam o tema da contratransferência. Ainda para entender este conceito, foram realizadas as leituras sobre transferência, escuta psicanalítica, pensamento clínico, identificação projetiva e percepção inconsciente. A pesquisadora realizou uma *leitura de reconhecimento do material bibliográfico* para selecionar das obras que estavam relacionadas ao tema e também para elaboração do roteiro de entrevista (Anexo A).

Em um segundo momento, foram realizadas *leituras exploratórias* com o objetivo de verificar se as obras eram relevantes ao estudo. Em um terceiro momento foram realizadas *leituras seletivas* para determinar o material que interessava e se relacionava com o tema da presente pesquisa. Após isso, foi realizada uma *leitura reflexiva* para o estudo do material selecionado anteriormente, e a partir desse momento foram realizadas as escolhas definitivas do material bibliográfico de base.

Feito isso, como última fase da pesquisa bibliográfica, ainda segundo as orientações de Salvador (1986), citado por LIMA e MIOTO (2007, p.41) foi realizada uma *leitura interpretativa* relacionando as obras psicanalíticas com o problema de pesquisa exposto anteriormente. Essa análise visou responder inicialmente seguintes perguntas: O que é a contratransferência? Quais são as suas características? Quais os possíveis usos da contratransferência dentro do processo analítico? Qual o papel da supervisão na percepção da contratransferência?

Concluída a etapa bibliográfica da pesquisa e a partir da autorização da Plataforma Brasil, a pesquisa de campo teve início. Este estudo foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Humanos (CEP) da UPM, em 19 de março de 2019, onde consta como projeto de número 3.208.928.

O instrumento de coleta de dados escolhido foi a entrevista semiestruturada, onde o entrevistado pode responder livremente sobre as questões propostas. Esse instrumento foi escolhido levando em consideração as vantagens que a pesquisadora teve em observar o que o entrevistado diz e como ele diz. Outro fator é por esse instrumento ser considerado o mais adequado para a obtenção de dados mais complexos. As entrevistas foram gravadas para que a pesquisadora pudesse ter acesso à totalidade das respostas do participante, e para que as análises dos dados coletados fossem feitas de forma integral. Durante a transcrição a pesquisadora teve em mente as garantias éticas ao participante da pesquisa, então foram preservadas as informações que poderiam identificar o participante da pesquisa, garantindo assim a sua privacidade. Essa pesquisa tem o compromisso ético de garantir total privacidade em relação à preservação da identidade do sujeito de pesquisa.

Foram realizadas entrevistas presenciais e individuais com 8 estagiários de uma única Universidade da cidade de São Paulo, de ambos os sexos e maiores de 18 anos. Não foram feitos recortes em relação a cor, raça, etnias, gênero, classe social e orientação sexual, pois esses dados não são relevantes para o estudo. Foram critérios para participar da pesquisa que o estagiário estivesse no décimo semestre do curso de psicologia, e realizasse estágio em psicoterapia breve de orientação psicanalítica. A pesquisa foi apresentada e os estudantes foram escolhidos de forma aleatória a partir do próprio interesse do estagiário em participar do estudo.

Esse estudo foi realizado na própria universidade, em uma sala reservada para garantir o sigilo e o conforto ao participante da pesquisa. Inicialmente foi apresentado o termo de livre esclarecimento e consentimento (Anexo C) e o termo para autorização de gravação de voz (Anexo B), posteriormente foi realizada a formalização do convite para a pesquisa, nesse momento foram esclarecidos os riscos e benefícios para o participante. Os termos foram explicados e a pesquisadora concedeu um tempo para que o sujeito pudesse ler os documentos e refletir se queria participar ou não da pesquisa. Após esclarecidas todas as dúvidas, os documentos formais foram assinados e as entrevistas tiveram início, com duração média de 20 minutos. Os riscos eram mínimos para o sujeito de pesquisa, mas se houvesse qualquer desconforto durante a entrevista, a pesquisadora

tentaria diminuí-lo e encerraria a entrevista. Como benefício, a própria entrevista poderia fazer o estagiário de psicologia repensar ou ampliar a sua prática profissional.

Como desdobramento primário, essa pesquisa visa uma futura publicação e pretende contribuir com o público de docente e discente do curso de psicologia a ampliar o seu conhecimento ensino da prática da supervisão.

Após a transcrição das entrevistas, foi realizada uma análise de conteúdo segundo as orientações de Bardin (2000), descritas por Minayo (2015). O primeiro passo foi realizar uma organização da análise, isto é, o material coletado foi decomposto em partes. Feito isso, o segundo passo consistiu em realizar a distribuição do material em quatro categorias de análise. Estas categorias foram criadas a partir da própria entrevista e da revisão bibliográfica feita anteriormente. O terceiro passo foi realizar a descrição dos resultados obtidos em cada categoria de análise, expondo o que foi encontrado no material coletado. O quarto passo consistiu em fazer inferências dos resultados. Por último, foi realizada a interpretação dos resultados obtidos com o auxílio da fundamentação teórica escolhida anteriormente.

As etapas descritas acima foram previstas, mas elas poderiam ter sido reformuladas pois nenhuma pesquisa pode ser totalmente controlável, com início, meio e fim previsíveis. O modelo da presente pesquisa, assim como outros, é um processo em que é impossível prever todas as etapas (GOLDENBERG, 2005)

5. DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

De acordo com a metodologia proposta foram realizadas oito entrevistas presenciais. A pesquisa foi divulgada para os estudantes de 10º semestre, e os primeiros estagiários que demonstraram interesse em participar do estudo foram selecionados. Os entrevistados responderam às perguntas propostas pela pesquisadora e falaram a respeito do caso que estavam atendendo. O roteiro de entrevista foi composto de cerca de seis questões básicas que nortearam a entrevista:

- 1) Qual o conceito é a contratransferência?
- 2) Você faz psicoterapia?
- 3) Você já percebeu o processo de contratransferência acontecendo no atendimento?
- 4) Como você percebeu esse processo?
- 5) Seu(a) supervisor(a) ajudou a lidar com estes sentimentos?
- 6) A partir da percepção dos sentimentos contratransferenciais, que uso você fez disso?

As entrevistas foram transcritas, lidas e estudadas integralmente, porém foram preservadas o sigilo e a privacidade do sujeito de pesquisa, assim como também dos pacientes e dos professores citados pelos estagiários, de forma que não é possível reconhecer a identidade dos participantes do presente estudo. A leitura exaustiva das entrevistas permitiu selecionar e reorganizar o material transcrito em categorias de leitura que foram estabelecidas a partir da revisão bibliográfica e da própria entrevista.

5.1 CONCEITO DE CONTRATRANSFERÊNCIA.

A presente pesquisa buscou entender se os estagiários tinham clareza do conceito teórico-prático de “contratransferência”. A hipótese inicial de que os alunos sabiam do conceito

psicanalítico não se confirmou. Nessa categoria foi considerado que o estagiário tinha clareza do conceito, caso ele respondesse que “é o conjunto de reações inconscientes do analista à pessoa do analisando e mais, particularmente, à transferência deste.” (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001, p. 102) No entanto, as palavras inconsciente e transferência aparecem somente uma vez. E a conceituação da contratransferência como importante instrumento de trabalho, que faz parte da técnica psicanalítica não foi mencionada nos relatos dos estagiários.

Observou-se que os estagiários apresentaram confusão e dificuldade em definir teoricamente o conceito de contratransferência. Por vezes, disseram ser difícil de definir, ou pediram para responder com um exemplo. “Para mim é assim, posso dar um exemplo? Acho melhor do que explicar a teoria” (Estagiário 6) “É a relação do paciente e do profissional (Estagiária 4) “Da teoria ou da contratransferência com o seu paciente? Eu não sei dizer. É a relação que você estabelece com o seu paciente e a maneira que os seus sentimentos vão interferir no processo” (Estagiário 7).”

A contratransferência também foi definida por dois estagiários como “Os conteúdos inconscientes do terapeuta podem acabar entrando na relação do paciente com ele.” (Estagiário 5); “Contra-transferência é quando você está com o paciente e aí você sente uma coisa que é sua, quando você está lá com ele” (Estagiária 3). Dentro da perspectiva teórica que se inscreveu a presente pesquisa foi considerado que os estagiários não souberam definir o conceito de contratransferência, mas foi levantado também como hipótese que tais respostas podem ser uma referência superficial ao conceito de contratransferência para a escola francesa. Para os analistas lacanianos, o conceito de “contratransferência” pode ser definido como o conjunto das produções imaginárias do analista, que o impedem de ocupar o seu lugar do desejo do analista (NASIO, 1999). Uma outra hipótese de compreensão para as respostas dos estagiários é uma possível referência também superficial ao conceito de contratransferência para Freud em que a contratransferência é uma resistência por parte do analista. Para Freud, a contratransferência era considerada como “resposta do analista aos estímulos que provém do paciente, resultado do analisando sobre os sentimentos inconscientes do analista incide sobre os pontos cegos do analista e pode ser considerado um obstáculo a análise” (MINERBO, 2012. p. 44)

Foram encontradas referências superficiais ao conceito de contratransferência, mas que não relacionam ao inconsciente e nem à transferência do paciente, reduzindo a contratransferência a sentimentos “Um sentimento que surge ali conforme você vai falando com a pessoa” (Estagiária

1) “São coisas que você vai sentindo quando está atendendo a uma pessoa” (Estagiária 5) “Os sentimentos que a gente terapeuta tem em relação aos conteúdos que o paciente traz durante a sessão.” (Estagiário 8).

Um estagiário conceituou corretamente o conceito “Contratransferência é um processo que parte a partir da transferência que são as projeções que o paciente faz no terapeuta, a partir disso aquilo gera uma mobilização inconsciente no terapeuta e essa mobilização inconsciente de certa forma pode ser projetada no paciente acionada por sentimentos, a questão principal é como o terapeuta vai atuar na contratransferência, se ele vai atuar nessa contratransferência ou se ele vai entender aquele movimento e usar como dado clínico”. (Estagiário 3).

Dois fatos se destacam a partir do estudo das respostas: o primeiro é que o estagiário que conceitua corretamente a contratransferência apresenta um aprendizado intelectual do conceito. Quando a pesquisadora investigou correlação prática do conceito o estagiário associou a contratransferência às identificações com o paciente. O segundo fato que se destaca é que a estagiária que se diz confusa sobre a clareza teórica do conceito de contratransferência, vive o conceito na prática, conseguindo identificar os sentimentos contratransferenciais. “Eu entendi um pouco melhor da contratransferência na atuação, na teoria fica muito confuso, eu entendi os sentimentos que eu tenho, tem dias que eu saio um pouco irritada, tem dias que eu saio um pouco cansada. [...] fui aprender na prática, os professores falam sobre a contratransferência no curso, mas não é uma coisa tão a fundo” (Estagiária 4).

Outro elemento que chama atenção é a ideia de que alguém de fora do setting terapêutico deve ter os mesmos sentimentos que o estagiário. “Quando você está sentindo um desconforto que você pensa: alguém lá de fora quando conversa com essa pessoa deve se sentir igual.” (Estagiária 1). “Geralmente esses sentimentos são o que as pessoas ao redor dele tem no cotidiano, nas relações” (Estagiária 8).

TABELA 1: CLAREZA DO CONCEITO DE CONTRATRANSFERÊNCIA

SUJEITOS DE PESQUISA	SABE	NÃO SABE	SABE SUPERFICIALMENTE
ESTAGIÁRIO 1		X	
ESTAGIÁRIO 2		X	
ESTAGIÁRIO 3	X		
ESTAGIÁRIO 4		X	

ESTAGIÁRIO 5	X	
ESTAGIÁRIO 6	X	
ESTAGIÁRIO 7	X	
ESTAGIÁRIO 8		X

5.2 PERCEPÇÃO E ELABORAÇÃO DA CONTRATRANSFERÊNCIA

Nessa categoria a pesquisa objetivou investigar se os estagiários perceberam e elaboraram a contratransferência suscitada pelos atendimentos clínicos, buscando também compreender se eles conseguiram nomear os sentimentos contratransferenciais que surgiram a partir do contato com o paciente.

Três estagiárias entrevistadas mostraram perceber os sentimentos contratransferenciais. “No começo eu sempre achava que era eu, se eu sentia um pouco de sono, falava ai nossa estou cansada, ou se eu ficava com raiva, ai porque eu estou assim, me sentia muito culpada. Depois de um tempo até que curto, percebi que cada sessão é um sentimento diferente, aquilo é o que o paciente causa em você. Na sessão que eu senti raiva eu não fiquei culpada, se eu estava bem e teve a sessão e isso me causou um sentimento de raiva, o que isso pode ser?” (Estagiária 4). Para Valente, Santos e Galvani (2006), inicialmente o estagiário vivência um conjunto de sentimentos indistintos em relação ao paciente que podem ser elaborados e utilizados para a compreensão do paciente que está sendo atendido. Às autoras ainda afirmam que as manifestações contratransferenciais podem muitas vezes parecer muito sutis para os estagiários, tendo o supervisor um papel de apontar tais sentimentos. Nessa categoria notou-se que a percepção dos sentimentos contratransferenciais se relaciona diretamente com o papel desempenhado pelos supervisores, porém esse dado será discutido na apenas próxima categoria.

A partir da não percepção da contratransferência, ou da percepção equivocada, a pesquisadora seguiu por um caminho de identificar se existiam sentimentos contratransferenciais percebidos inconscientemente e não elaborados. Foi questionado como os estagiários se sentiam atendendo os pacientes e a partir das resposta a essa pergunta foi possível observar que tais sentimentos estavam presentes. Neto et al (2006), em um estudo sobre o ensino da

contratransferência na formação do psiquiatra afirma que quando os sentimentos despertados pelo contato com o paciente não são compreendidos e elaborados pelos residentes de forma clara, estes podem restringir sua conduta para o diagnóstico, não escutando realmente o sofrimento de seus pacientes. Fazendo uma inferência ao estagiário de psicologia, essa não identificação dos sentimentos contratransferenciais pode resultar em uma não compreensão do sofrimento do paciente, assim como da sua dinâmica psíquica.

Um estagiário disse não ter percebido os sentimentos contratransferenciais. É relevante dizer que ele não conceitua corretamente a contratransferência, o que resulta em uma não percepção dos elementos que compõem esse fenômeno “eu não consegui, acredita? Eu não consigo ver uma coisa que era minha, eu vejo que tem coisas que são minhas, que eu faço, mas não sei se ele me transmite isso. Entendeu? Eu sinto que as vezes são coisas minhas, mas eu não sei se ele está me fazendo sentir isso” (Estagiário 2). Ao ser questionado sobre como se sentia atendendo o paciente, o estagiário traz elementos da contratransferência que parecem ter tido uma elaboração, porém não existe uma apreensão teórico-prática percepção de que esses sentimentos são elementos contratransferenciais. “Esse meu paciente foi muito difícil, no começo eu não estava com nenhuma vontade de atender ele, ele é tão chatinho. Eu queria que ele faltasse, mas depois fui entendendo ele transmite isso, a questão de não querer atender, não está ali com ele, a dinâmica dele, foi ficando mais fácil. [...] fui entendendo o que é que é dele e o que ele está tentando jogar em mim” (Estagiário 2).

Quatro estagiários se equivocaram ao responder sobre percepção da contratransferência. Um dos elementos que apareceu no relato de dois estagiários é a percepção da contratransferência associada a identificação com o paciente por eles estarem vivendo ou terem vivido uma mesma situação. “Teve uma sessão que foi bem emblemática, que foi uma sessão que ele tinha perdido o emprego e eu tinha perdido o estágio isso me afetou profundamente, porque eu também perdi. Eu realmente cai na contratransferência, atuei na contratransferência, porque ativou questões pessoais minhas.” (Estagiário 3) “E ai quando ela reconheceu eu já sabia que ela ia reconhecer porque eu reconheci quando eu tive o mesmo problema com a minha mãe. E ai na hora eu fiquei com vontade de chorar por ela ter reconhecido, mas eu fiquei feliz, sabe? Como se fosse, ai meu Deus agora ela está liberta, mas seria eu. Ai eu falei, segura o choro. Eu fiquei muito feliz. Eu me vi nela” (Estagiário 6). Pode-se observar que os estagiários não conseguem perceber os sentimentos contratransferenciais envolvidos em relação às transferências dos pacientes. Nos casos descritos na

entrevista os estagiários não conseguiram ter acesso ao que ficou neles a partir do encontro com o paciente, mas somente o que eles reconhecem de si mesmo no paciente. Zimmerman e Correa (2006) apontam a necessidade do psicoterapeuta perceber a diferença entre o que é de fato a contratransferência e o que se trata somente de uma transferência do psicoterapeuta. Gabbard (1998 apud Valente, Santos e Galvani 2006), também ressalta a importância de tentar diferenciar as reações e os sentimentos despertados no terapeuta devido a repetição de aspectos da sua história, dos sentimentos despertados no terapeuta reativa a transferência de conteúdos inconscientes do paciente. Pensando esse psicoterapeuta como o estagiário, percebe-se que existe uma dificuldade em conseguir olhar para o paciente e refletir sobre os sentimentos que são causados em relação ao paciente e em relação a si. Por meio dessa diferenciação entre o que é um sentimento despertado no estagiário em relação à transferência do paciente e em relação à própria história de vida, o estagiário poderá abrir espaço em si para escutar o outro e para compreender os sentimentos despertados pelo encontro com o paciente.

Foi percebida na fala de alguns estagiários a expressão “cair na contratransferência”, podendo-se compreender que um possível sentido desta expressão é a atuação do estagiário frente a identificação com o paciente. “Meu paciente tem muitos pontos de identificação comigo, eu tenho com ele na verdade. Então para cair na contratransferência é fácil, também do jeito que ele provoca a sessão. [...] Tenho que tomar muito cuidado porque quando você se identifica você está a um passo de cair na contratransferência (Estagiário 3). “Eu resolvi não contar para a supervisora, eu pensei em contar logo que eu li o prontuário, é muito parecido com a minha história, a professora precisa saber porque na hora que eu tiver caindo na contratransferência ela precisa me tirar dali. [...] Eu me identifico com ela, mas eu tento separar um pouco” (Estagiário 6). “O paciente vai falando eu vou pensando algumas coisas, mas eu tento segurar o máximo para que isso me ajude a dar elementos para eu não cair na contratransferência. Segurar um pouco, ouvir o paciente, eu consigo captar o inconsciente dele (Estagiário 3)”.

Um estagiário se equivoca e traz elementos da transferência. “É meio confuso as vezes, rola uma transferência legal. Ela já deixou isso claro. Que ela se sente confortável comigo. [...] Existem coisas que ela compartilhou comigo de primeira que ela não compartilhou com o estagiário anterior. A supervisora me ajudou a perceber que ela estava compartilhando coisas comigo. (Estagiária 7). Ao ser questionada como ela se sente atendendo a paciente a estagiária responde que a paciente “é uma figura que ela é muito potente, que ela está dominando a sessão como se

fosse uma figura maior, como se ela demonstrasse um poder. Às vezes eu tenho dificuldade de intervir nela, de tão potente que ela é. Eu sinto que ela não me dá espaço na sessão e me sinto diminuída”. Valente, Santos e Galvani, (2006) afirmam que frequentemente a condição de estagiário faz com que o estagiário-aluno se sinta impotente e inseguro em relação ao paciente por sua atuação profissional está limitada a inicialmente a observação, não apresentando as vezes conhecimento suficiente para fazer as intervenções adequadas, podendo resultar em uma restrição nas próprias ações. Segundo as autoras é necessário ficar atento aos sentimentos e compreendê-los, de uma forma como pessoais, mas também resultantes da interação com certos aspectos do paciente.

Um outro estagiário se equivocou e trouxe elementos que envolviam uma linguagem corporal, isto é, uma percepção do movimento corporal do paciente “Um dia ela chegou e só no fim eu percebi que ela estava com uma bolsa, uma pasta, uma blusa, tudo em cima dela e ainda tinha a mesa.” (Estagiária 2) Porém, nesta categoria foi possível observar que apesar dos estagiários perceberem e nomearem a contratransferência acontecendo, não foi possível identificar uma elaboração que convergiu para compreender os sentimentos contratransferenciais como instrumento de compreensão inconsciente do paciente. É possível notar que os estagiários tem uma percepção superficial sobre o processo contratransferencial.

TABELA 2: PERCEPÇÃO DA CONTRATRANSFERÊNCIA

SUJEITOS DE PESQUISA	PERCEBE	NÃO PERCEBE	SE EQUIVOCA
ESTAGIÁRIO 1			X
ESTAGIÁRIO 2		X	
ESTAGIÁRIO 3			X
ESTAGIÁRIO 4	X		
ESTAGIÁRIO 5	X		
ESTAGIÁRIO 6			X
ESTAGIÁRIO 7			X
ESTAGIÁRIO 8	X		

5.3 COMO O ESTAGIÁRIO PERCEBEU A CONTRATRANSFERÊNCIA ACONTECENDO

Nesta categoria, a pesquisa buscou compreender como os estagiários perceberam e nomearam os sentimentos contratransferenciais. Por meio das análises, observou-se que a supervisão e a psicoterapia pessoal foram ferramentas fundamentais na descoberta e na percepção da contratransferência para os estagiários no primeiro atendimento clínico. Dessa forma, os dados coletados foram organizados em duas subcategorias: papel da supervisão e papel da psicoterapia pessoal na descoberta da contratransferência.

Nesse momento da pesquisa, a pesquisadora chegou aos resultados de diferentes modos, como os entrevistados não sabiam o conceito teórico-prático da contratransferência, e alguns não conseguiram elaborar, nem perceber a contratransferência acontecendo, não foi possível realizar a entrevista da forma como foi estruturada primeiramente, fazendo com que a pesquisadora chegasse aos resultados a partir de diferentes perguntas.

Uma das estagiárias ressaltou a importância do conjunto “supervisão e análise pessoal” como elemento esclarecedor desse momento “A terapia e a supervisão ajudam muito porque os sentimentos se misturam. Ao mesmo tempo você tem a empatia com o paciente, você também sente a raiva, então fica tudo muito misturado, quando chega na terapia e você esclarece isso, fica tudo mais tranquilo. A mesma coisa na supervisão, fica tudo mais tranquilo, na supervisão é bem mais fácil de entender, como a supervisora tem conhecimento do caso, tem todo mundo ali para te ajudar, fica mais tranquilo. É muito importante a supervisão.” (Estagiária 4). Segundo Valente, Santos e Galvani (2006), o tratamento pessoal é muito importante para o estagiário que está começando a trabalhar com o sofrimento psíquico do outro pois é fundamental que o estagiário possa ter um espaço em que ele possa tratar das próprias ansiedades decorrentes do contato com os pacientes, sendo considerada pelas autoras como uma situação privilegiada para trabalhar sua contratransferência.

5.3.1 Papel da supervisão.

A análise das entrevistas permitiu observar que nos casos em que o estagiário conseguiu perceber a contratransferência acontecendo, a supervisão teve um papel de fundamental em elaborar e nomear os sentimentos contratransferenciais, além de também ensinar o estagiário a lidar com tais sentimentos. “Eu não sabia o que fazer com o meu sentimento. Eu não sei o que eu faria se eu não tivesse conversado com a minha supervisora a respeito. Olha faz isso, ela me orientou e foi bom porque eu não sabia o que fazer. A gente sempre conversa sobre contratransferência” (estagiária 5). “No dia eu não entendi muito bem, para falar a verdade, eu comecei a achar que eu não soube lidar com a situação, eu fiquei muito confusa, no dia eu fico confusa, não entendo muito bem o que aconteceu. [...] quando eu releio as coisas na supervisão, tudo faz sentido. [...] A minha supervisora comenta sobre a contratransferência” (Estagiária 4) “No momento eu não tenho clareza, ah não isso é meu, ah não isso é dele. Na supervisão eu consigo entender, mas na hora eu acho difícil. A supervisão é essencial, parece que dá uma clarificada.” (Estagiária 8). Para Valente, Santos e Galvani, (2006) o supervisor ocupa um papel central no processo de compreensão dos fenômenos transferenciais e contratransferenciais. As autoras sinalizam que o supervisor tem o papel de decodificar para os estagiários os sentimentos contratransferenciais.

Foi possível observar que a supervisão agiu como espaço de clarificação dos sentimentos contratransferenciais a pesquisadora não precisou perguntar aos estagiários se o supervisor ajudou o estagiário a lidar com tais sentimentos e o papel do supervisor em dar sentido ao que o estagiário estava sentindo surgiu durante as entrevistas espontaneamente. Observou-se no discurso dos estagiários que os sentimentos contratransferenciais foram percebidos durante a supervisão e compreendidos por meio desta. Segundo Zaslavsky (2003), quando a contratransferência é levada diretamente pelo supervisionando para supervisão pode revelar um aumento de confiança no trabalho da supervisão

Em relação aos quatro estagiários que não nomearam e perceberam a contratransferência acontecendo, quando a pesquisadora questionou se os supervisores tinham ajudado os estagiários a lidar com os sentimentos que eles estavam descrevendo, notou-se nas respostas dos entrevistados que a supervisão não apareceu como elemento que ajudou na elaboração da contratransferência devido a diversos motivos.

Surgiu uma queixa em relação ao tempo de supervisão. “Foi uma supervisão muito corrida, não deu muito para falar.” (Estagiária 1) “A supervisão é muito curta, só 10 minutos para falar de

um caso além de ter 10 alunos na supervisão, não sobra muito tempo para falar do analista, né? O atendimento é basicamente focado nela, durante o atendimento com ela, eu tento está ali presente para ela. E durante a supervisão são assuntos sobre ela, não necessariamente de como eu estou me sentindo em atende-la. A supervisora não fala muito sobre contratransferência. Ela fala muito sobre vínculo. Transferência. Na realidade a gente quase não fala em termos psicanalíticos.” (Estagiário 6).

Outros dois fatores que influenciaram a supervisão não agir como elemento de percepção e nomeação da contratransferência foi devido a problemas de relacionamento com o supervisor ou devido a identificação com a queixa do paciente. A partir desses dois casos surgiu o papel da psicoterapia pessoal na compreensão da transferência e da contratransferência. Esses dois casos serão discutidos na próxima subcategoria.

Sabe-se também que a abordagem da contratransferência em supervisão depende da forma com que o supervisor compreende a contratransferência e de qual vertente teórica psicanalítica que o supervisor orienta seu trabalho. Zaslavsky (2003), afirma que a escolha do que vai ser abordado em supervisão pelo supervisor e o modo de fazer essa abordagem depende da experiência clínica, do estilo de supervisão e da sensibilidade do supervisor. Dessa forma, o lugar da psicanálise que o supervisor inscreve seu trabalho influência diretamente nos conteúdos a serem abordados em supervisão, bem como na prática clínica do estagiário.

Um outro fator que deve-se ser pontuado é o caráter particular da supervisão de estágios obrigatórios atender à demanda de urgência do paciente em seu atendimento, mas também necessita atender a demanda relativa a formação da identidade profissional do psicólogo, que é o aluno-estagiário. (Sakamoto, 2001). As diversas demandas que devem ser atendidas pelo supervisor, associada ao pouco tempo de supervisão individual pode ser um dos possíveis fatores que influenciam na abordagem da contratransferência em supervisão.

A supervisão também teve um papel importante no sentido de apontar as identificações com o paciente. “Eu sai achando que tinha sido a melhor sessão e cheguei na supervisão e o professor disse que parecia que eu estava conversando com ele como se eu tivesse em um bar. Ai eu parei para prestar atenção e foi um aprendizado bem prático do que era contratransferência” (Estagiário 3). Segundo Zaslavsky (2003), um dos elementos que o supervisor precisa estar atento são as manifestações de formação de “pontos cego” em função das identificações inconscientes do

supervisionando com o paciente, sendo necessário distinguir aquelas identificações que são úteis ao processo e aquelas que não são.

Observou-se também que apesar do supervisor falar sobre a importância de olhar o que ele sente, o estagiário ainda assim conceitua a contratransferência como identificação com o paciente. “Ele fala sobre a importância de olhar o que você sente, olhar o que o paciente evoca em você, como que você atua no caso frente a isso.” (Estagiário 3).

Não foi possível identificar nos depoimentos dos estagiários relatos em que a supervisão agiu como ferramenta de elaboração dos sentimentos contratransferenciais de modo a possibilitar que o estagiário compreendesse o que a psicodinâmica do paciente a partir do que que ele estava sentindo. Uma hipótese que pode ser levantada para compreender esse dado é o pouco tempo de supervisão para cada caso clínico, associado aos múltiplos papéis desenvolvidos pelos supervisor de estágio.

TABELA 3: PAPEL DA SUPERVISÃO

SUJEITOS DE PESQUISA	ATIVO	PASSIVO
ESTAGIÁRIO 1		X
ESTAGIÁRIO 2	X	
ESTAGIÁRIO 3		X
ESTAGIÁRIO 4	X	
ESTAGIÁRIO 5	X	
ESTAGIÁRIO 6		X
ESTAGIÁRIO 7		X
ESTAGIÁRIO 8	X	

5.3.2 Papel da psicoterapia pessoal

Um outro objetivo dessa pesquisa foi verificar se os estagiários faziam ou não psicoterapia pessoal. Após a organização dos dados colhidos foi possível verificar o papel da psicoterapia

pessoal na descoberta e na elaboração da contratransferência na primeira experiência clínica. Vale salientar que esse não era um dos objetivos da pesquisa. Dos oito entrevistados, seis estavam em processo analítico há mais de um ano, um tinha começado o processo terapêutico há um mês e um nunca tinha se submetido a psicoterapia.

A psicoterapia apareceu como o espaço em que o estagiário utilizou para compreensão da contratransferência e também da transferência quando existiram problemas de relacionamento com supervisor. “Tinha um problema com a minha supervisora e com o meu paciente. Eu não me sentia confortável com ela, falar para ela que estava sendo difícil para mim. Levei para a minha terapeuta “o que eu faço, socorro? Minha terapeuta super me ajudou, ela começou a me ajudar a ver a transferência para não levar para o pessoal. Ela ajudou a ver que ele também deve fazer isso com outras pessoas.” (Estagiária 2). Marcos (2012), afirma que a função do supervisor na universidade como antagônica a função do analista, sendo fundamentada pela hierarquização, na fiscalização e no discurso universitário. Ainda para a autora, a supervisão universitária tem caráter pedagógico e esse caráter pode fazer surgir uma dimensão de controle e vigilância. Um outro fator que deve-se ter em mente é que a supervisão do estágio de psicoterapia breve tem caráter obrigatório e remete a uma nota. Analisando os dados da pesquisa e associando as ideias de Marcos (2012), levanta-se como hipótese de que o antagonismo de papéis do supervisor e do analista pode ser um fator que faz com que a psicoterapia pessoal tenha um papel importante em compreender a transferência e contratransferência em alguns casos.

Outro papel importante em que a psicoterapia apareceu como ferramenta de compreensão da identificação dos estagiários com a história de vida do paciente. “Eu sempre levo o que acontece de transferência na terapia. Minha psicóloga fala então você se vê nela, você já sabia, você já conhece o que você tem e você reconhece o que a sua paciente tem, que é igual. Eu falo que sim. Eu resolvi não contar para a supervisora, eu pensei em contar logo que eu li o prontuário, é muito parecido, a professora precisa saber porque na hora que eu tiver caindo na contratransferência ela precisa me tirar dali. Mas quando eu falei com a minha psicóloga ela sugeriu que eu esperasse um pouco antes de contar, para eu ver como seriam as primeiras para eu não ter que me expor. Eu vi que eu consegui dividir, eu não senti necessidade de contar. Eu me identifico com ela, mas eu tendo separar um pouco. Eu estava me muito perdida na supervisão, não tem muito tempo, a professora não me deu um norte. Eu falei com minha psicóloga. Ela falou para eu ter calma, me ajudou a pensar coisas. Foi nesse momento que eu consegui ver algumas coisas. Acho que a supervisão

falhou um pouco comigo.” (Estagiária 6). Nesse sentido, reforça-se a importância que o estagiário esteja fazendo acompanhamento em psicoterapia pessoal para que quando forem identificados aspectos pessoais, eles possam ser levados para um local mais apropriado para o processo de compreensão desses sentimentos. (Valente, Santos e Galvani, 2006).

A terapia pessoal também apareceu como alternativa do estagiário para lidar com a contratransferência, em três entrevistas apareceram elementos de como os estagiários lidaram com os sentimentos contratransferenciais de raiva em relação aos pacientes. “Eu fiquei bem brava com a paciente, [...] eu levei isso para terapia.” (Estagiária 1) “Eu já tinha levado isso para terapia, então estava tudo bem.” (Estagiário 3) “Eu corri para minha supervisora e falei na minha terapia que estava muito difícil continuar” (Estagiária 5).

TABELA 4: PSICOTERAPIA PESSOAL

SUJEITOS DE PESQUISA	FAZ	NÃO FAZ
ESTAGIÁRIO 1	X	
ESTAGIÁRIO 2	X	
ESTAGIÁRIO 3	X	
ESTAGIÁRIO 4	X	
ESTAGIÁRIO 5	X	
ESTAGIÁRIO 6	X	
ESTAGIÁRIO 7	X	
ESTAGIÁRIO 8		X

5.4 USO DA CONTRATRANSFERÊNCIA COMO FERRAMENTE DA TRABALHO

Essa pesquisa teve a intenção de verificar qual o manejo que os estagiários fazem dos sentimentos contratransferenciais, isto é, se eles usam a contratransferência como instrumento de trabalho para compreensão do inconsciente do paciente.

Por meio da análise das entrevistas foi possível observar que os estagiários não utilizam a contratransferência como ferramenta de compreensão do inconsciente do paciente. Além disso, notou-se que os estagiários não sabem que a compreensão dos sentimentos contratransferenciais é

uma importante ferramenta do fazer clínico. Ao serem questionados sobre o uso dos sentimentos contratransferenciais os estagiários responderam “não uso, não sei se deveria usar também” (Estagiário 7) “Não. Eu tento sair da contratransferência. Quando eu começo a perceber, eu penso, vou pensar na paciente. Eu quero fazer perguntas para ela que a minha psicóloga já fez pra mim” (Estagiário 6) “Não. Uma coisa que eu tento fazer é não deixar as primeiras coisas que eu penso interferir, eu tento ficar o mais quieto possível, o paciente vai falando, eu vou pensando algumas coisas, mas eu tento segurar o máximo possível para que isso me ajude a dar elementos para eu não cair na contratransferência. Segurar um pouco, ouvir o paciente, para conseguir captar o inconsciente dele” (Estagiário 3) “Não. Às vezes eu fico me lembrando, estou em um lugar de analista, então preciso voltar para esse lugar para não me deixar levar por esses sentimentos.” (Estagiário 4). A hipótese inicial fundamentada nas ideias de Heimman (1949), de que os estagiários trabalham sem consultar seus sentimentos em relação ao paciente foi confirmada.

Somente uma estagiária disse fazer uso dos sentimentos contratransferenciais “geralmente são coisas que me ajudam a tentar levar o paciente a pensar sobre aquilo, se aquilo que ele está me fazendo, não necessariamente sentir, mas como seria a visão dele a respeito das outras pessoas” (Estagiário 8).

Um possível motivo do estagiário não manejar a contratransferência é que os estagiários ainda não conseguem perceber a contratransferência acontecendo na sessão “para mim é difícil perceber durante a sessão, talvez ainda por falta de prática, normalmente eu percebo depois.” (Estagiário 3) “No momento eu não tenho clareza, ah não isso é meu, ah não isso é dele. Na supervisão eu consigo entender, mas na hora eu acho difícil” (Estagiária 4). Valente, Santos e Galvani (2003) sinalizam que em um primeiro momento o estagiário fica restrito apenas ao manejo da transferência, não tendo ainda experiência profissional para reconhecê-la e interpretá-la, através de intervenções psicoterápicas. Para as autoras a supervisão, com frequência, ultrapassa o papel de ensino para funcionar como um continente às ansiedades iniciais do aluno. No decorrer do processo, os estagiários aprendem a compreender a contratransferência, em supervisão, e começam a desenvolver os meios adequados para compreensão e manejo dos pacientes. Dessa forma, pode-se entender que o uso da contratransferência como ferramenta do fazer clínico é uma habilidade adquirida a partir da experiência em supervisão e também com a experiência de atendimento.

TABELA 5: USO DA CONTRATRANSFERÊNCIA COMO FERRAMENTA DE TRABALHO

SUJEITOS DE PESQUISA	NÃO USA	USA
ESTAGIÁRIO 1	X	
ESTAGIÁRIO 2	X	
ESTAGIÁRIO 3	X	
ESTAGIÁRIO 4	X	
ESTAGIÁRIO 5	X	
ESTAGIÁRIO 6	X	
ESTAGIÁRIO 7	X	
ESTAGIÁRIO 8		X

6. CONCLUSÃO

O objetivo dessa pesquisa foi realizar uma investigação teórico-clínica psicanalítica que visou compreender a percepção da contratransferência pelo estagiário-terapeuta na primeira experiência de atendimento clínico em psicologia. Dessa forma, de acordo com a metodologia proposta, esse estudo tentou identificar, descrever e compreender como a contratransferência é conceituada, percebida e elaborada pelos estagiários-alunos de psicoterapia breve de orientação psicanalítica do curso de psicologia, assim como também o modo como o estagiário percebeu a contratransferência acontecendo e qual o manejo dos sentimentos contratransferenciais realizado pelo estagiário a partir da percepção de tais sentimentos. Uma limitação encontrada no desenvolvimento desta pesquisa foi a de que seu objeto de estudo está situado em uma linha tênue entre o consciente e o inconsciente. Na contratransferência existem elementos inconscientes que escapam a percepção consciente do estagiário, porém, sabe-se que esta pesquisa não buscou compreender a dimensão inconsciente da contratransferência, e sim se a percepção inconsciente do estagiário foi elaborada e utilizada como instrumento de compreensão do paciente. Os principais achados desta pesquisa foram organizados em quatro categorias e serão sintetizados a seguir.

A análise dos dados colhidos mostrou que os estagiários entrevistados demonstraram confusão e dificuldade em conceituar a contratransferência teoricamente. Um estagiário mostra saber o conceito teórico, três estagiários sabem conceituar superficialmente a contratransferência, fazendo referências superficiais ao conceito e quatro não souberam definir tal conceito. Um importante dado é que as palavras inconsciente e transferência foram mencionadas somente uma vez.

Quanto à percepção e à elaboração da contratransferência pelos estagiários, três estagiários perceberam e elaboraram os sentimentos contratransferenciais, quatro estagiários se equivocaram em relação a percepção dos sentimentos contratransferenciais, trazendo elementos de identificação com o paciente, da transferência ou de linguagem corporal e um estagiário disse não ter conseguido perceber a contratransferência acontecendo.

Foi possível observar que nos casos em que os estagiários que nomearam e perceberam os sentimentos contratransferenciais a supervisão teve um papel fundamental em clarificar e decodificar os sentimentos contratransferenciais que foram vivenciados pelos estagiários. Porém,

apesar dos estagiários nomearem e perceberem a contratransferência acontecendo, não foi identificada uma elaboração contratransferencial de forma a compreender o paciente por meio de tais sentimentos. Já nos casos em que os estagiários não conseguiram perceber e não nomearam a contratransferência acontecendo pode-se notar que o trabalho em supervisão não agiu como ferramenta de compreensão da contratransferência devido principalmente a três fatores: a falta de tempo em supervisão, a identificação do estagiário com a história de vida do paciente e a problemas de relacionamento com o supervisor, seja por falta de confiança no supervisor ou a posturas autoritárias.

Zaslavsky (2003) sinaliza que a abordagem da contratransferência em supervisão ocorre frequentemente quando o clima da supervisão é predominante de franqueza e baseado em uma aliança de trabalho. Porém, estudar sobre a contratransferência dentro da clínica- escola tem particularidades que devem ser consideradas. Sabe-se que o estagiário- terapeuta desenvolve sua primeira prática clínica dentro de um estágio supervisionado obrigatório e que os atendimentos realizados por estes remetem a uma nota. Dessa forma o estagiário não deixou de ser totalmente aluno, e esse é um fator que pode influenciar na aliança entre o estagiário e o supervisor.

Também foi possível notar que a psicoterapia pessoal tem um papel importante na compreensão da transferência e da contratransferência nos casos em que o estagiário teve problemas de relacionamento com o supervisor e nos casos de identificação com a história de vida do paciente. Outro papel importante que foi possível perceber é que a psicoterapia pessoal aparece como ferramenta que o estagiário utilizou para lidar com a contratransferência nos casos em que o contato com o paciente despertou raiva no estagiário.

Um possível motivo para esse a utilização da psicoterapia pessoal como ferramenta de compreensão da transferência e da contratransferência é o antagonismo de papéis do supervisor de estágio e do psicoterapeuta/analista. Conforme as ideias de Marcos (2012), foi possível perceber que a função do supervisor na universidade é antagônica à função do analista, sendo fundamentada pela hierarquização, na fiscalização e no discurso universitário. Ainda para a autora, a supervisão universitária tem caráter pedagógico e esse caráter pode fazer surgir uma dimensão de controle e vigilância.

Conforme as ideias de Heimman (1949), em que a contratransferência pode ser usada como instrumento de compreensão do inconsciente do paciente, foi possível observar que os estagiários não usam os sentimentos contratransferências como instrumento de compreensão do inconsciente do paciente. Duas hipóteses foram levantadas para tais sentimentos não serem utilizados como

instrumento de compreensão do paciente: a primeira é o caráter de inexperiência do estagiário e a segunda hipótese é a falta de elaboração dos sentimentos contratransferenciais que possibilitem uma compreensão de tais sentimentos como uma ferramenta de trabalho.

Entende-se que no primeiro atendimento devido à inexperiência do estagiário em perceber e ter consciência desses sentimentos no momento do atendimento clínico, torna-se difícil que o estagiário consiga manejar os sentimentos contratransferenciais que o paciente despertou dentro dele como sendo um importante forma de comunicação não-verbal e um instrumento para compreender o inconsciente do paciente.

Foi possível notar que o primeiro atendimento clínico é atravessado por várias vivências, ansiedades e angústias que também se associam aos sentimentos contratransferenciais. Nesse primeiro momento a falta de experiência clínica do estagiário, a qualidade do relacionamento com o supervisor e com a instituição, o estilo de supervisão clínica do supervisor, a experiência do aluno na própria psicoterapia pessoal, suas experiências pessoais, o interesse do aluno na própria formação profissional e o próprio desejo do estagiário em compreender e dar sentido ao que ele está sentindo são fatores que podem influenciar na relação de ensino-aprendizagem da utilização dos sentimentos contratransferenciais como instrumento para compreensão do paciente.

O trabalho da percepção e da elaboração da contratransferência também parte do interesse do estagiário dar sentido ao que ele está sentindo e em compreender o paciente por meio da contratransferência. A compreensão dos sentimentos contratransferenciais, seja supervisão ou em psicoterapia pessoal, pode fazer o estagiário compreender melhor a psicodinâmica e o sofrimento do paciente.

Os estagiários falaram sobre a importância da supervisão, mas também fizeram críticas importantes em relação à instituição, ao tempo de supervisão, ao relacionamento com os supervisores e em relação à falta de discussão em termos psicanalíticos no ambiente de supervisão. Tem-se em mente que estes dados não eram o objetivo do trabalho. Foram preservados a privacidade e o anonimato tanto aos estagiários quanto para os supervisores de modo que todos os dados que pudessem revelar a identidade do estagiário ou do supervisor foram omitidos. No entanto, apesar de não ser o objetivo do trabalho, os dados colhidos são importantes. O presente estudo pode possibilitar uma reflexão tanto para os discentes quanto para os docentes do curso de psicologia acerca do seu papel enquanto estagiário, professor e supervisor.

Concluindo, esta investigação conseguiu levantar hipóteses para iniciar uma discussão do tema da contratransferência em serviços-escola, sendo o olhar do supervisor acerca da possibilidade de transmissão do conceito de contratransferência em um serviço-escola de psicologia um possível tema para os próximos estudos.

8. REFERÊNCIAS

- AGUIRRE, A. M. *A Primeira Experiência Clínica do Aluno: Ansiedades e Fantasias Presentes no Atendimento e na Supervisão*. São Paulo: Psicologia: Teoria e Prática, 2, nº 1, 3-31, 2000.
- AURELIO, *O minidicionário da língua portuguesa*. 4 edição revista ampliada do minidicionário Aurélio. 7ª impressão – Rio de Janeiro, 2002.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Edições 70, 2000.
- COELHO JUNIOR, N. *Inconsciente e percepção na psicanálise freudiana*. Revista de Psicologia USP. São Paulo, 10 (1):25-54, 1999.
- COELHO JUNIOR, N. *Presença, implicação e reserva*. In: Figueiredo, L.C. & Coelho Junior, N. (orgs.). *Ética e técnica em psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2000.
- COELHO JUNIOR, N. *Uso da percepção na psicanálise contemporânea*. Percurso, São Paulo, nº23, 2º semestre, 1999.
- FIGUEIREDO, L. C. M. *Escutas em análise: escutas poéticas*. Revista Brasileira de Psicanálise, São Paulo, v. 48 n. 1, 2014.
- FIGUEIREDO, L. C. M. *Revisitando as psicologias. Da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. São Paulo. Petrópolis: EDUC / Vozes, 1996.
- FIGUEIREDO, L. C. M.; COELHO JUNIO, N. *Ética e técnica em psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2000.
- FREUD, S. (1910). *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica*. In: E.S.B., vol.XI, *op. cit.*
- FREUD, S. (1919 [1918]). *Sobre o ensino da psicanálise das universidades*. In: E.S.B., vol. XVII, *op. Cit.*
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (organizadoras). *Métodos de Pesquisa*. 1ª Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- GUNTHER, Hartmut. *Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?*. Psic.: Teor. e Pesq., Brasília, v. 22, n. 2, p. 201-209, Aug. 2006. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-

37722006000200010&lng=en&nrm=iso>. Access on 31 Oct. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722006000200010>.

HEIMANN, P. *Da contratransferência ao desejo do analista: Sobre a contratransferência*. In: *Tempo psicanalítico*, v. 34. Rio de Janeiro: Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, 2002.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. *Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica*. Rev. katálysis, Florianópolis, v. 10, n. spe, p. 37-45, 2007. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802007000300004&lng=en&nrm=iso>. access on 26 Nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>.

MARCOS, Cristina Moreira. *A Supervisão em psicanálise na clínica escola: breve relato de uma pesquisa*. Rev. Mal-Estar Subj, Fortaleza, v. 12, n. 3-4, p. 853-872, Dec. 2012. Available from <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482012000200015&lng=en&nrm=iso>. access on 22 May 2019.

MINAYO, M. C. S. (Org); DESLANDES, S.F.; CRUZ NETO, O. GOMES, R. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015

MINERBO, M. *Diálogos sobre a clínica psicanalítica*. São Paulo: Blucher, 2016.

MINERBO, M. *Transferência e contratransferência*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

NASIO, J.D. *Como trabalha um psicanalista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999

NASIO, J.D. *Psicanalista no Divã*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003

NETO, A.C., et al. *Ensino da contratransferência na formação do psiquiatra*. In: Zaslavky J, SANTOS MJP E COL *Contratransferência: teoria e prática clínica*. Porto Alegre: Artmed; 2006. p. 315-323.

RACKER, H. (1985) *Os significados e usos da contratransferência*. In Racker, H. *Estudos sobre a técnica psicanalítica* Porto alegre: Artes Médicas p.120-157. (Trabalho originalmente publicado em 1953)

SAKAMOTO, C.K. (2001). *A utilização de indicadores criativos em psicoterapia breve*. *Psicologia: Teoria e Prática*, 3(1/2), 23-34.

- SARAIVA, Lisiane Alvim; NUNES, Maria Lucia Tiellet. *A supervisão na formação do analista e do psicoterapeuta psicanalítico*. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 12, n. 3, p. 259-268, Dec. 2007 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2007000300008&lng=en&nrm=iso>. access on 22 May 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2007000300008>.
- VALENTE, Y.V; SANTOS, M.R.D.; GALVANI, T. *Experiências contratransferenciais de estudantes*. In: Zaslavky J, Santos MJP e cols. *Contratransferência: teoria e prática clínica*. Porto Alegre: Artmed; 2006. p. 324-332.
- ZARO, J.S.; BARACH, R., NEDELMAN, D.J. & DREIBLATT, I.S *Introdução à prática psicoterapêutica*. São Paulo: EPU, (1997).
- ZASLACSKY, J. *Supervisão psicanalítica: abordagem da contratransferência*. 2003. Dissertação (Mestrado em Psiquiatria) – Faculdade de Medicina, Programa de pós-graduação em ciências médicas, UFRGS, Rio Grande do Sul.
- ZIMERMAN, D.E.; Correa, F.R. *Contratransferência com o analisando em formação e a relação com a instituição*. In: Zaslavky J, Santos MJP e cols. *Contratransferência: teoria e prática clínica*. Porto Alegre: Artmed; 2006. p. 307-314.

9. ANEXOS

ANEXO A - Roteiro de entrevista:

- ✓ **Perguntas para saber sobre a clareza do conceito teórico-prático de contratransferência.**
 1. Qual o conceito é a contratransferência para você?
 1. Você já percebeu o processo de contratransferência na sua experiência de atendimento?
 2. Você faz psicoterapia?
- ✓ **Perguntas para saber como e onde o estagiário percebeu a contratransferência (na sessão, na análise ou na supervisão)**
 1. Como você percebeu o processo de contratransferência acontecendo?
 2. Como você lidou com isso?
 3. A sua supervisora te ajudou a lidar com esses sentimentos?
- ✓ **Perguntas para saber o que o estagiário fez a partir da percepção da contratransferência.**
 1. A partir da percepção dos sentimentos contratransferenciais, que uso você fez desses sentimentos?

ANEXO B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu _____, depois de entender os riscos benefícios que a pesquisa intitulada “Um estudo da percepção dos sentimentos contratransferenciais na primeira experiência clínica” poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, AUTORIZO, por meio deste termo, as pesquisadores Tatiana de Gusmão Feijó e Berenice Carpigiani a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte. Esta AUTORIZAÇÃO foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. Poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: artigos científicos, revistas científicas, congressos e jornais;
3. Minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
5. Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

São Paulo, de 2019.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

ANEXO C- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARTICIPANTE DA PESQUISA

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada “Um estudo sobre a percepção dos sentimentos contratransferências na primeira experiência clínica” sob minha responsabilidade e da Professora orientadora Berenice Carpigiani, cujos objetivos são avaliar se os estagiários percebem os sentimentos contratransferenciais, como eles percebem esses sentimentos, qual o uso o aluno faz da contratransferência dentro do processo terapêutico e qual o papel da supervisão na descoberta desse processo. Para realização deste trabalho usaremos o seguinte método: uma entrevista semiestruturada. Seu nome assim como todos os dados que lhe identifiquem serão mantidos sob sigilo absoluto, antes, durante e após o término do estudo. Quanto aos riscos e desconfortos, estes são mínimos, mas caso você venha sentir algum desconforto de origem psíquica ou intelectual, social, cultural, comunique ao pesquisador para que sejam tomadas as devidas providências, como o encerramento da pesquisa. Os benefícios esperados com o resultado desta pesquisa são uma ampliação e uma reflexão da atividade profissional do estagiário de psicologia.

Os dados para o estudo serão coletados através do preenchimento de uma ficha de identificação uma entrevista com a responsável pela pesquisa. Os instrumentos de avaliação serão aplicados pelo Pesquisador Responsável e tanto os instrumentos de coleta de dados quanto o contato interpessoal oferecem riscos mínimos aos participantes. Não haverá benefícios diretos aos participantes, mas a pesquisa auxiliará na compreensão do tema estudado.

Em qualquer etapa do estudo a sra./o sr. terá acesso ao Pesquisador Responsável para o esclarecimento de eventuais dúvidas (no endereço abaixo), e terá o direito de retirar-se do estudo a qualquer momento, sem qualquer penalidade ou prejuízo. As informações coletadas serão analisadas em conjunto com a de outros participantes e será garantido o sigilo, a privacidade e a confidencialidade das questões respondidas, sendo resguardado o nome dos participantes (apenas o Pesquisador Responsável terá acesso a essa informação), bem como a identificação do local da coleta de dados.

A Sra./O Sr. tem a garantia de que todos os dados obtidos a seu respeito, assim como qualquer material coletado só serão utilizados neste estudo. A qualquer momento, se for de seu interesse, a Sra./o Sr. poderá ter acesso a todas as informações obtidas a seu respeito neste estudo, ou a respeito dos resultados gerais do estudo.

A Sra./O Sr. Não terá qualquer despesa pessoal ao participar da pesquisa, mas também não receberá compensação financeira pela sua participação.

Caso a Sra./o Sr. tenha alguma consideração ou dúvida sobre os aspectos éticos da pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Presbiteriana Mackenzie “é um Colegiado interdisciplinar, com múnus público, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos” - Rua da Consolação, 896 - Ed. João Calvino – 4º andar sala 400 – telefone 2766-7615 - prpg.pesq.etica@mackenzie.br – Atendimento de 2ª e 4ª das 15:00 às 18:00, 3ª e 5ª das 09:30 às 12:30, sextas-feiras não há atendimento.

Eu _____ aceito participar da pesquisa “Um estudo da percepção dos sentimentos contratransferenciais na primeira experiência clínica”, que tem o objetivo investigar a percepção dos sentimentos contratransferenciais pelos estagiários de psicologia. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer Estou ciente que a participação é voluntária, e que, a qualquer momento tenho o direito de obter outros esclarecimentos sobre a pesquisa e de retirar-me da mesma, sem qualquer penalidade ou prejuízo. A pesquisadora tirou minhas dúvidas. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Declaro que expliquei ao Participante da Pesquisa os procedimentos a serem realizados neste estudo, seus eventuais riscos/desconfortos, possibilidade de retirar-se da pesquisa sem qualquer penalidade ou prejuízo, assim como esclareci as dúvidas apresentadas assim como esclareci as dúvidas apresentadas.

São Paulo, de de 2019.

Tatiana de Gusmão Feijó
Pesquisadora Responsável
Tatiana-gusmão@hotmail.com

Berenice Carpigiani
Professora Orientadora
Berenice.carpigiani@mackenzie.com.br
Universidade Presbiteriana Mackenzie